

Cresce número de microempresários invasores

Ana Júlia Pinheiro

Da equipe do Correio

O barracão de ferro chega na boleia do caminhão azul com placa de Goiânia ao meio-dia. O microempresário Celso Medeiros desce para orientar as manobras do motorista. Ele veio demarcar seu lote na área invadida por 60 oficineiros e comerciantes na entrada do Riacho Fundo na noite de domingo. Ontem, até o final da tarde, o número de invasores já chegava a 80. Eles pressionam para que o governo do Distrito Federal regularize a área e distribua os lotes.

Há três anos, Celso Medeiros comprou um lote residencial na quadra QN 7, conjunto 7, no Riacho Fundo, e instalou a família e a madeireira. Mas diz que não agüenta mais a situação. No meu lote de 144 metros quadrados, estávamos eu, a mulher, três filhos, madeireira e até quatro cavalos", reclama. "Gero quatro empregos diretos e quatro indiretos. E o governo não tem lote para mim?"

Em 30 de dezembro de 1994, o

nome de Celso saiu na lista de cartas-consultas aprovadas pela Secretaria da Indústria e Comércio, para receber lotes naquela área do Riacho Fundo. Seriam instaladas 68 pequenas indústrias e 63 oficinas no local. Ontem, ele decidiu reforçar a invasão e ocupou o lote a que acha que tem direito. "Usava essa casinha de ferro (que levou para se instalar na invasão) para guardar cimento. Ficava no meio da rua."

No acampamento de barracos de madeirite, bandeira do Brasil, carro-de-som e churrasqueira, os microempresários, agora transformados em invasores, repartem entre si cópias da tal lista da secretaria, o Edital 040/94. É a relação dos beneficiados pelo Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Prodecon) no último dia do ano.

O administrador da cidade, Pedro Câmara Leão, afirma que vai esvaziar o terreno. Até às 17h de ontem, a desocupação ficou só na ameaça. "A cidade não está formalmente registrada em cartório, portanto o governo não pode distribuir lotes. O processo aguarda parecer da Vara

Paulo de Araújo



Chega mais um barraco: pressão para que o governo conceda os lotes

de Precatória e Registros Públicos", explica ele. Esse registro é a certidão de nascimento do Riacho Fundo. Sem o documento, os terrenos são irregulares e, por isso, não poderiam fazer parte do Prodecon.

Pedro Leão acionou o Serviço de Vigilância do Solo às 9h. Depois des-

se horário, dez policiais militares em duas Veraneios ficaram de plantão. A Polícia Militar acabou evitando a briga entre os manifestantes e dois cabos eleitorais do PMDB que foram à assembléia com bandeiras do PT e do Brasil para provocar os oficineiros.

"Isso aqui é o governo que vocês elegeram", gritava o estudante Stefon de Souza, com uma bandeira vermelha. Os invasores ignoraram a provocação.

GUARÁ

Mas não é só o Riacho Fundo que vive às voltas com invasores. No Guará, a Administração Regional enfrenta problema parecido. As obras de infra-estrutura da QE 40, para as quais o Orçamento Participativo reservou R\$ 1,2 milhão, vão ter que ser suspensas hoje porque há uma favela no meio do caminho. Os invasores são operários que construíram as casas na quadra em 1992.

"Para concluir a galeria de águas pluviais, com explosão das rochas do solo, os 30 barracos teriam que ser desocupados até amanhã (hoje)", diz o administrador Alyrio de Oliveira Neto. "Teremos que adiar a obra". O perigo agora é o cano da galeria, de 1,5 metros de diâmetro, que ficou aberto. "Na chuva, a água desce com muita violência. Tememos um acidente no local."